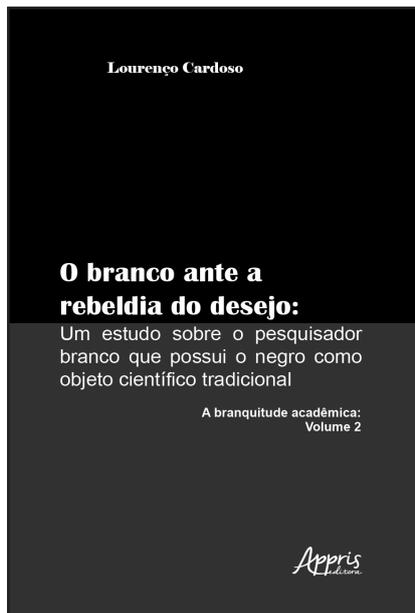


RESEÑAS

Cardoso, Lourenço. (2020). *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional*. Curitiba, Appris



Josiane Silva de Oliveira^[1]

«Vossa excelência, o branco»! Com esse título provocador para apresentar o capítulo dos resultados de sua pesquisa, Lourenço Cardoso, em seu livro «O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional», nos desafia a pensar, para além da raça, nos processos de racializações que constituem o que se denomina *humano*. Provocador a cada página, o historiador e sociólogo, professor na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

Afro-brasileira (UNILAB), no Brasil, discute ao longo dos cinco capítulos do livro, organizados em duas partes, como o branco se colocou violentamente como parâmetro de humanidade, porém ocultando essas violências como elementos constituintes de suas identidades raciais (branquitudes), assim como de seus processos coletivos, como a colonização europeia.

Na primeira parte do livro, especificamente no primeiro capítulo, o autor discute como essa constituição do branco teve como um de seus principais elementos o entendimento de que o «outro», o negro, é um lugar daquilo que supostamente não pertence a ele. É o lugar do não humano. Com isso, a leitura do livro também nos angustia, pois evidencia como historicamente os processos de racializações implicaram na destituição violenta das populações não brancas de sua condição de humanidade. Assim como falar sobre racismo a partir da dualidade branco e negro também foi uma estratégia de dominação que silenciou destes debates outras racializações, como das populações originárias na América. Lourenço ainda desenvolve uma discussão muito perspicaz sobre as relações entre racismo e colonialismo. Esse argumento é importante, pois desarticula a ideia de que a prática do racismo é uma patologia, sendo, portanto, o seu combate conduzido a partir de práticas individuais.

1 Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-brasileiros da UEM (NEIAB/UEM).

Ao articular as relações entre racismo e colonialismo refletindo sobre as articulações entre violência colonial e violência racial, Lourenço desloca o debate para o campo de discussões sociológicas e organizacionais.

No contexto acadêmico, o autor destaca que esse processo se reproduz na objetificação do negro como objeto de desejo e escrutínio do branco, especialmente no campo de pesquisas sobre relações raciais. Mas, esse processo também é marcado pela rebelião dos objetos de desejo, como discute Lourenço Cardoso na primeira parte do livro, estruturada em três capítulos. Inicialmente, o autor apresenta como o branco-centrismo europeu também possui disputas internas no sentido de hierarquizar branquitudes. Seria o branco inglês mais branco que o branco português? Mas, o ponto que marca essa primeira parte do livro é o debate ontológico sobre a construção do modo de pensar da razão dual racial apresentado no segundo capítulo. O rompimento com essa lógica é o rompimento com esse processo de racialização que destitui os não brancos de humanidade no «mundo dos brancos». A resposta para esse rompimento é apresentada por Lourenço Cardoso no capítulo três. Nele, o autor discute como o lugar do negro é justamente o lugar que não foi pensado para ele, mas inventado por ele, sendo este a negritude. Se o negro inventou a negritude para se nomear, esse processo também resultou na humanização do branco. É a rebelião de sair da condição de objeto e se tornar, mais do que produtor de conhecimento sobre as relações raciais, humano. Lugar esse reivindicado por Lourenço Cardoso ao se colocar como pesquisador sobre o tema da branquitude.

Nesse capítulo, o autor também discorre sobre os aspectos metodológicos de sua pesquisa de campo: a realização de entrevistas com pesquisadoras brancas e pesquisadores brancos que tiverem o negro como objeto de estudo em suas dissertações e/ou teses. Três

aspectos metodológicos podem ser destacados nesse estudo. O primeiro é a afirmação de Lourenço de que as mulheres brancas se mostraram mais dispostas a participarem da pesquisa. O segundo foi a dificuldade de acesso a pessoas de classe alta para realizar a pesquisa e, o terceiro, foram os argumentos utilizados para a recusa em conceder entrevista para o autor, que tiveram como seu principal conteúdo a falta de agenda. Aqui, observamos a necessidade de um aprofundamento nas interseções das singularidades das experiências de vida para também compreendermos a constituição dos processos de racialização. Assim como a negritude não deve ser compreendida como uma categoria de essencialização, a branquitude também não. Esse não foi um aspecto aprofundado ao longo do livro, que também não era o objetivo do autor, e pode ser um caminho considerado em futuros estudos sobre branquitudes. Outra reflexão importante colocada pelo autor e que devemos avançar nos estudos sobre relações raciais é em termos metodológicos. O avanço teórico deve se refletir nas formas como produzimos materiais para as análises nesse campo de estudo. Sob esse aspecto, o campo dos feminismos negros tem avançado nessas discussões ao colocar a experiência social como base de produção de materiais analíticos para pesquisas.

Na segunda parte do livro, «Vossa excelência: o branco» é problematizado e humanizado, ao não ser essencializado. O capítulo quatro do livro é dedicado a um processo de sistematização de categorias vinculadas aos modos de existências das branquitudes. Do branco-drácula ao branco narcísico, Lourenço Cardoso também apresenta um debate sobre a branquitude crítica, ou como essa construção identitária também pode se colocar em um lugar de questionamento aos privilégios raciais em nossa sociedade. Porém, destaco aqui a acuidade teórica na definição do que é

brancura, branquidade e branquitude, categorias que devem estar bem delimitadas para a compreensão da dinâmica das relações raciais.

O capítulo cinco do livro é dedicado às discussões sobre os resultados da pesquisa de campo realizada por Lourenço Cardoso. As análises evidenciam os elementos que supostamente justificam a objetificação do negro como tema e o branco como sujeito oculto nas pesquisas acadêmicas sobre relações raciais. Também são apresentados subsídios dos «desconfortos» das pessoas brancas ao serem colocadas no lugar de objeto de escrutínio científico para a compreensão do racismo. Aqui, se torna mais evidente como a negação do racismo pelo branco é uma estratégia para manter estruturas de violência racial que trazem vantagens e privilégios para esse grupo social. Discutir branquitudes, portanto, implica em compreender estruturas e modos de funcionamentos de sistemas de poder. Também podemos perceber que há uma percepção e posicionamentos críticos de pessoas brancas em relação a esse processo. Porém, a capacidade de mobilização e de organização das branquitudes para a construção dessa reflexão crítica ainda precisa ser mais potencializada.

Já no capítulo de conclusão do trabalho, o autor enfatiza a necessidade de avançarmos em estudos que discutam porque o branco não pensa em si. Ao articularmos essa provocação de Lourenço Cardoso com o contexto político global, o que podemos também perceber é a crescente ascensão política do que autor denomina de branquitude acrítica, aquela que se reconhece a partir da construção identitária branca como elemento legítimo de superioridade racial, que tem na organização de movimentos supremacistas seu respaldo de atuação. Esses movimentos têm crescido, inclusive na América Latina, e é necessário um aprofundamento teórico sobre esses movimentos para compreender também essas novas configurações do colonialismo contemporâneo, que se estabelece, inclusive, por meio de uso de plataformas digitais.

O que esse livro nos apresenta é a urgente «crítica da razão dual branca», parafraseando Achille Mbembe. É romper como o modo de pensar dual que ao racializar para dominar o mundo, destituiu violentamente o humano de sua condição de humanidade por meio do colonialismo.

